

# IGUALDADE, DESENVOLVIMENTO E PAZ

ROSISKA DARCY DE OLIVEIRA

## Igualdade ou melhor dizendo, democracia

Confesso um certo cansaço com a expressão rumo a Beijing Talvez porque Beijing seja tão longe que a simples evocação do percurso físico desorienta ou mais apropriadamente em se tratando da China desorienta Mas muito mais do que isso porque para a sombra de hordas deslocando se na tentativa de conquistar ou sitiar uma cidade Para o fantasma de uma certa estética que o realismo socialista fixou e que é de tenebrosa memória em quadros em que as massas proletárias ou despossuídas marchavam a passo resolutivo na direção do seu futuro olhar confiante e punho erguido *Hélas!* Quão longinqua é minha imagem do que podera vir a ser a Conferência das Mulheres Igualdade Desenvolvimento e Paz

Vamos certamente ao encontro do nosso futuro como aliás soe acontecer Mas que futuro é esse? Muito dificilmente se pode hoje saber e talvez so possamos manifestar algumas esperanças alguns *insights* que mais ou menos correspondem a uma historia de lutas que tentamos sistematizar

Creio que o merito maior das pre conferências para Beijing foi até então a mobilização de esperanças que sempre são regeneradoras e a oportunidade de no balanço geral das perdas e ganhos perceber que a nossa agenda vai ficando mais e mais superada defasada em relação as transformações por que o mundo vem passando Em consequência o merito de exigir mais pensamento mais esforço de entendimento mais imaginação mais coragem de abandonar *les sentiers battus* como vem tentando o movimento de mulheres brasileiras

O habito de duvidar é saudavel em ciência como ja tantos disseram antes Mais saudavel ainda quando no esforço militante a comunidade internacional de mulheres tende a cristalizar expressões formulas feitas que repetidas como uma ladainha pretendem exprimir conquistas de espaço Primeiro exemplo é meta da plataforma de Beijing reforçar a participação politica das mulheres O que hoje em dia quer dizer participação politica? E no entanto todos sabemos que reforçar a participação politica das mulheres é condição *sine qua non* de todas as outras causas que defendemos Por isso começo por ela

As mulheres que estarão em Beijing terão lutado para estar lá como terão lutado para estar em prévias conferências da ONU como a Conferência do Cairo sabendo que a gestão planetária é um fato que ela é cada dia uma realidade mais palpável e que quem ficar de fora será graciosamente descartado não só dos processos de decisão mas sobretudo dos processos de integração no mundo dos seres politicamente visíveis, audíveis e sensíveis. Ou seja, dos seres politicamente vivos. Estarmos vivas na gestão planetária é não só necessário mas também uma promessa de potencial renovação das regras de convivência do planeta.

Uma diplomacia não governamental, feminina, meio improvisada mas eloquente e às vezes muito eficiente (como foi o caso da conferência do Cairo) vem se constituindo e sendo porta-voz de uma das mais revolucionárias descobertas desse século: a de que o mundo é feito de dois sexos e não apenas de um. Descoberta essa que os grupos de mulheres - e bem antes delas feministas precursoras - já haviam feito, mas cuja obviedade não haviam ainda com tanta nitidez apresentado ao mundo. Nas conferências mundiais a presença das mulheres como fato político de envergadura planetária muda a face do século. Beijing poderá vir a ser uma chave de ouro. Mas para além desses momentos de militância, além mar, resta aqui o problema cotidiano da participação política das mulheres. Como e onde? Quem? Fazendo o quê?

As teorias da conquista do aparelho do Estado que o feminismo herdou da esquerda parecem melancólicas como a invasão de uma cidadela que já vai sendo abandonada pela outra porta pelos antigos ocupantes. A crise do Estado, sua perda de consistência, é uma das características *fin de siècle*. Isso não significa que renunciemos a uma presença cada vez mais igualitária entre homens e mulheres em todos os postos de tomada de decisão em seu aparelho. Que fique claro que onde houver poder de Estado as mulheres podem e devem exigir a partilha igualitária desse poder. Não sugiro nenhuma renúncia nesse processo que a plataforma de Beijing tenta amparar inclusive através de uma política de quotas. Chamo apenas a atenção para o fato de que mais e mais os processos de tomada de decisão vão-se deslocando para outras esferas do social, do político, do econômico e às vezes do cultural, fazendo ainda mais movediço o chão do poder em que as mulheres já pisavam com passo incerto.

As velhas imagens da organização para conquista do poder já não convencem ninguém. Começamos pela ideia mesma de organização. O movimento de mulheres terá tanto mais chance de crescer, de ganhar presença e poder social quanto mais for capaz de abandonar e criticar as velhas teorias sobre organização. Felizmente o movimento brasileiro está construído em redes que se dedicam a diferentes temas, que têm entre si identidade de interesses, certas causas a defender e muito trabalho a realizar. A organização se dá então em torno desses eixos reais de política concreta, voltada para objetivos em nome dos quais se criam estruturas de participação e gerenciamento. A confiabilidade e a seriedade da Rede Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, para dar apenas um exemplo, provêm daí.

No lugar da velha ideia de organização, gostaria de introduzir o conceito de sinergia entre mulheres participantes de diferentes causas, que elas todas servem a uma melhor qualidade de vida para as mulheres, a uma luta mais eficaz contra a

discriminação e uma melhor visibilidade do feminino enquanto crítica cultural. Por sinergia entenda-se reunir energias as mais diversas nascidas de diferentes motivações que nem sempre se intitulam movimento de mulheres mas que redundam em benefícios seja para a mulher que a pratica seja para aquela em cujo nome a ação é praticada.

Contrariamente a organização em que se tenta atrair um máximo de adesões para um programa pré estabelecido na sinergia o programa não está pré estabelecido a não ser em linhas de máxima e resulta de uma infinidade de combinações possíveis as vezes insolitas entre atores de histórias diferentes provin do de referências diversas e que dão a ação realizada a cara que é a sua a inventividade que é a sua na circunstância que é a sua.

O Brasil imenso continental insólito e reservatório infinito de circunstâncias as mais surpreendentes. E preciso que por todo o país as mulheres sintam que onde quer que elas participem juntas na defesa do mais modesto aspecto do cotidiano feminino dentro de uma linha de máxima contra a discriminação e pela liberdade aí estará o movimento de mulheres. Creio que ele estará também potencialmente ali onde a participação das mulheres no espaço público se registre. Os diferentes movimentos sociais que têm a frente lideranças femininas são escolas de cidadania onde as mulheres se experimentam no ofício de participar onde vão pouco a pouco se construindo para a democracia no mesmo movimento em que a constroem. O mesmo se dá em todo o campo não governamental da ação social das organizações especificamente de mulheres nas ações culturais e científicas ou na filantropia que visam o interesse público. Assim a participação das mulheres na vida pública pode dar-se hoje em uma infinidade de lugares sociais onde o poder tem faces diversas certamente intensidades diferentes mas onde a vivência da cidadania não é por isso mais pobre.

Crise do Estado alargamento da sociedade civil múltiplas formas de parceria participação das mulheres na vida pública entendida nesse sentido de sinergia entre as diferentes ações eis algumas das realidades novas que desafiam o velho conceito de participação política.

Em tela continua a democracia como conceito e como prática e a chance histórica única que se apresenta a nós de construirmos ao longo do nosso ciclo vital até o fim desse século uma democracia que mereça esse nome porque capaz de integrar as mulheres reconhecendo a complexidade da espécie que ela é feita de homens e mulheres. A herança de Beijing já seria enorme se difundisse essa definição de democracia e com ela impregnasse o mundo.

A defesa dos direitos de cidadania para as mulheres constitui uma condição *sine qua non* da própria democracia. Ousaria dizer que mesmo aquelas nações que se vêm definindo como democráticas desfalecem quando submetidas ao teste da eliminação da discriminação contra as mulheres.

Se encaradas deste ponto de vista não conheço muitas democracias e acredito seja esse um dos grandes desafios do próximo milênio o amadurecimento de sociedades em que dois sexos diferentes herdeiros de histórias e culturas diferentes mas iguais em direitos e deveres venham enfim a pensar o mundo e a agir sobre ele em igualdade de condições.

Multiplicam-se os sinais de que a comunidade internacional começa

finalmente a integrar as mulheres no debate sobre o seu destino não só dedicando-lhes uma conferência mundial sob o signo da igualdade do desenvolvimento e da paz mas também garantindo-lhes uma ressonância cada vez mais forte no diálogo das nações de onde brotam a guerra e a paz a prosperidade ou a miséria enfim os projetos de civilização

Acredito no vínculo inevitável entre a defesa dos direitos das mulheres o exercício destes direitos e o cumprimento de nossos deveres para com a civilização Se tentamos assegurar a chegada das mulheres - e por caminhos quão acidentados - aos lugares do poder e do saber não será para que desses lugares assistamos indiferentes aos grandes desafios do nosso tempo

Espero de nos mulheres uma ação crítica de cunho civilizatório a altura da revolução que representa a quebra do paradigma milenar que separava o mundo dos homens daquele das mulheres apoiado em injustificável hierarquia

O Brasil busca a democracia como destino Essa democracia será também a das mulheres brasileiras ou não será Temos sido vítimas ora de invisibilidade ora de negação Nosso protesto tomou por isso mesmo muitas vezes o tom reivindicativo daqueles que têm seus direitos ignorados ou feridos Mas a voz das mulheres modula-se também em outro tom Não apenas de vítimas mas de protagonistas não apenas na reivindicação de direitos mas na afirmação de deveres Os deveres de participação e cidadania

## **Desenvolvimento ou melhor dizendo, combate a pobreza**

Entraremos o milênio confrontadas ao problema de como assegurar a todos uma vida digna e feliz num planeta frágil e finito

É possível que venha a prevalecer no mundo a lógica da força e do dinheiro Se como afirma a Declaração dos Direitos Humanos os seres humanos nascem iguais em direitos e dignidade não é assim que vivem Do ponto de vista do mercado grandes contingentes humanos por vezes nações inteiras poderão tornar-se cada vez mais insignificantes pelo que compram e vendem O desemprego cresce por toda a parte relegando um número cada vez maior de homens e mulheres a uma vida sem utilidade e valor Um abismo de conhecimentos e recursos se aprofunda entre países e dentro de cada sociedade entre os incluídos e os excluídos da modernidade entre os competitivos e os descartáveis

O abismo entre pobres e ricos em nível global é ainda maior do que o fosso que os separa no interior de cada sociedade Seria então preciso menos pobres no mundo para que tudo mais possa continuar como está E de fato os padrões de consumo dos ricos estejam eles no Norte ou no Sul do planeta não são generalizáveis dentro dos limites da Terra Ou mudam esses padrões hoje tomados como definição da felicidade ou as massas incontáveis de pobres terão que ser suprimidas por meio de políticas de controle populacional

Na lógica do dinheiro e da mercadoria a produtividade e a rentabilidade substituem no centro do contrato social as noções de justiça e de equidade A robotização e a miniaturização eletrônica eliminam postos de trabalho As novas tecnologias dispensam mão de obra Os padrões de consumo dos ricos não são so

de bens mas sobretudo de conhecimentos A sofisticação das inovações tecnológicas esta analfabetizando e subdesenvolvendo todos aqueles que não têm acesso a esses recursos Um numero cada vez maior de seres humanos vai se tornando cada vez menos apto em um mundo regido pela lei da selva da competitividade

Onde antes um vinculo de exploração ligava o destino de senhores e escravos hoje uma fronteira construida com capital ciência e tecnologia separa os civilizados dos barbaros Frente a este decreto não escrito de exclusão as reações são as mais diversas tentativa de integração pela imigração clandestina ou pela marginalidade lucrativa como no narcotrafico terrorismo e fanatismo como no fundamentalismo religioso Qualquer desses comportamentos e uma ameaça a estabilidade daqueles que se definem como mundo civilizado Os comportamentos dos marginalizados confirmam sua condição de barbaros e alimentam os sentimentos de racismo e rejeição que por toda parte estão endurecendo a argamassa dos muros de raça e de classe

No debate que precedeu a Conferência de População sempre afirmei que não temia Malthus temo Darwin Temo sim a seleção natural reinventada em seleção cultural Temo o menos e melhores temo o menos e mais aptos temo o controle de qualidade aplicado aos seres humanos Temo esta logica porque não e impossivel que o mundo evolua nesta direção um *shopping-center* global repleto de objetos criadores de desejos e necessidades que se sofisticam de ano em ano para o consumo de uns poucos Do ponto de vista econômico este mundo em circuito fechado e viavel Do ponto de vista politico a marginalização não se mantem sem doses crescentes de violência e repressão Do ponto de vista etico o *apartheid* em escala global e intoleravel

E nossa responsabilidade assumir no plano mundial e nacional como dever de participação e de cidadania a luta contra a pobreza e pela afirmação de principios e valores eticos fundadores de um novo contrato social humano

A democracia com a presença ativa das mulheres seria um instrumento capaz de orientar essa segunda meta o combate a pobreza como prioridade do movimento de mulheres E isso não apenas porque a pobreza se feminiza no mundo todo o que e um fato mas porque a pobreza absoluta de massas incontaveis tal como a conhecemos hoje deveria ser incompativel com o mundo em que as mulheres graças a renovação da democracia teriam poder decisorio ou capacidade de intervenção eficiente Na educação politica das mulheres que enfim participam politicamente deve estar gravado o compromisso da não aceitação da pobreza que muitos descrevem hoje como uma especie de doença um mal que se alivia mas não tem cura

No Brasil o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher com o acordo unânime das conselheiras decidiu atuar conjuntamente com o Conselho da Comunidade Solidaria cuja função precipua e o combate a pobreza Nessa associação as mulheres aparecem em dois papeis pelo menos Como beneficiarias dos programas de ajuda do Comunidade Solidaria que assim reconhece a necessidade de um olhar voltado especificamente para as mulheres no quadro geral da pobreza A inclusão da implementação do PAISM nas prioridades do Comunidade Solidaria atesta esse reconhecimento Por outro lado as mulheres não

são apenas vítimas da pobreza mas chamadas a atuar na tentativa de eliminá-la contribuindo para o cotidiano de uma sociedade mais terna mais amiga mais capaz de compaixão entre aqueles que declinam a condição de brasileiros

O dramático no debate sobre o combate a pobreza e o sentimento de que a força de afirmar intenções jamais cumpridas mesmo essas intenções vão se confundindo com uma retórica vazia deixando aqueles que nela insistem na posição solitária de quem ouve o eco Apesar desse sentimento de mal-estar continuo afirmando que o combate a pobreza e prioridade das mulheres brasileiras na Conferência de Beijing

Digo hoje que para sair da pobreza e afirmar sua dignidade pessoal uma mulher necessita de um trabalho para si e uma renda mensal O que significa que alguém acredita nela investe para ajuda-la a obter esse trabalho seja facilitando-lhe uma formação que ela não tem seja garantindo-lhe crédito bancario para que ela capitalize o *savoir-faire* que ja tem seja reforçando por caminhos varios uma auto-estima que ela não sabe se tem ou não tem O binômio formação-trabalho e o cerne de uma politica de autonomia para as mulheres sem esquecer que uma em quatro famílias e feita de uma mulher e seus filhos E que e com ela e so ela que esses filhos contam para sobreviver e sonhar com algum futuro Um banco dos pobres esta no horizonte como mecanismo de combate a pobreza Nele uma linha de crédito privilegiada para mulheres pode reverter a imensa solidão das mulheres pobres que da vida so herdaram uma imensa dívida historica que a sociedade insiste em não pagar

Falo em trabalho e não necessariamente em emprego Bem sei que o mercado de trabalho feminino no Brasil ainda esta em expansão Mas por quanto tempo? No mundo inteiro o crescimento sem emprego assombra as sociedades mais modernas E possível e mesmo provavel que os empregos se tornem cada vez mais escassos ou cada vez pagos a preço mais vil Certamente cabera ao Estado a garantia do cumprimento das leis trabalhistas Mas em uma economia em que o Estado intervem cada vez menos e preciso prever as condições em que as mulheres enfrentarão a concorrência no mundo selvagem do ano 2000 Alfabetiza-las na linguagem do futuro em que todas somos hoje semi analfabetas deve ser um cuidado especial no momento em que as esperanças no Estado providencial são mais e mais infundadas

Resta ainda e sempre a necessidade de lembrar todos os dias a sociedade como um todo e aos empregadores em particular que os filhos existem que transformar um *enfant sauvage* em ser humano e um imenso trabalho de transformação da natureza que esse trabalho ainda e hoje uma tarefa feminina que ela tem um custo social que a sociedade tem que aliviar das costas das mulheres Quantas vezes e de quantas maneiras temos dito a mesma coisa? Certamente com algum sucesso mas ainda muitos fracassos Combater a pobreza significa antes de mais nada reconhecer como dizia Virginia Woolf que as mulheres necessitavam de um quarto para si e de uma renda mensal Virginia colocava essas condições para que alguém aspirasse ao *metier* de escritora Aqui um teto e uma renda mensal são aspirações de pura sobrevivência As mulheres estão necessitando de uma politica econômica delas capaz de pensar a economia pela otica de suas vidas e dos seus problemas Onde andarão as economistas? Ou quem mais seja capaz de pensar a

economia sem necessariamente ostentar o rotulo disciplinar. Precisamos de indisciplina de complexidade. A politica econômica das mulheres para o conjunto da sociedade onde elas se incluem como visíveis e como seres vitais é um desafio pós-Beijing.

A pobreza como todas as outras experiências humanas tem sexo. Mas o pior cego é o que não quer escutar.

### **Paz ou melhor, a paz quando a encontraremos?**

Somos muitas mundo afora a acreditar em algum lugar de nossos corações que as mulheres são agentes da paz. Não sei até que ponto essa crença é fundada, mas o fato de que ela exista pode ser um fator constitutivo do real.

Sempre acreditei no desejo como um fermento e acho que nenhuma realidade continua a mesma quando exposta a força de um desejo. Não se trata de desvairado idealismo, mas da convicção de que ainda são os seres humanos que escolhem o destino da espécie. Parece-me e a várias mulheres sedutora a ideia de que a emergência do feminino na política, o *empowerment* das mulheres de modo a que cimentem a democracia, possam vir a ser fatores de radicais transformações, mesmo nos hábitos mais antigos da humanidade como são os hábitos guerreiros. Sim, sempre houve guerra entre os homens, mas é também verdade que as mulheres nunca mandaram. E por favor, ninguém me venha com Margaret Thatcher como fazem os mais estúpidos entrevistadores de televisão. Não sei se as mulheres são porta-vozes da paz, mas sei que alguns dos mais graves dilemas civilizatórios, alguns dos mais evidentes impasses do conflito de civilizações que substituiu na política internacional os conflitos Leste-Oeste e Norte-Sul giram em torno das mulheres. Assim, e em torno da noção da universalidade dos direitos humanos, questão tão sensível quanto o clitoris, que alguns se acham no direito de cortar em nome da diversidade cultural.

Incluir as mulheres na humanidade e portanto nos direitos humanos que serão tão mais humanos quanto mais universais, foi o verdadeiro debate que abalou a Conferência de Viena.

Nosso corpo nos pertence, o direito de opção sobre a maternidade, o corpo das mulheres como *champ de bataille* entre os fundamentalismos religiosos, os humanistas e os outros fundamentalistas do apocalipse populacional, são essas as memórias do Cairo.

No dia de hoje, as conquistas de Viena e as conquistas do Cairo estão indo para Beijing entre colchetes. O colchete é a dúvida e a negociação difícil ou o inegociável. Nas mulheres, no jogo internacional, temos sido a negociação difícil. O mundo não se acostumou a nossa existência e menos ainda a nossa liberdade. A moeda de troca entre os homens resolveu ir a pé ao mercado. Que imensa sacudidela na ordem do mundo! Mas esse é certamente o único caminho para a paz. As mulheres serão portadoras de paz não quando apaziguarem os homens entre si, mas quando apaziguarem a violência milenar que se abate sobre elas.

A negociação difícil é de fato difícil. Trata-se de reconhecer ao mesmo tempo a existência das mulheres e a sua liberdade. Terão sido necessários muitos séculos para que essa verdadeira mutação se opere na história da espécie. Teremos

sido nos contemporâneas dessa ruptura que ainda não se deu mas promete acontecer Digo promete porque não é certo que aconteça O destino humano depende do destino dos seres humanos Depende de nós de nossa capacidade de entender o porte de nossa contribuição ao futuro o que nos impede qualquer renúncia Chegaremos a Beijing não como um exército impulsionado por metáforas guerreiras Não creio seja essa nossa poética Acredito que estejamos há muito tempo no caminho de Beijing e do que isso representa em nosso imaginário por caminhos labirínticos do ensaio e erro repetindo em mantra o nome de uma certa Ariadne

Ficarão pelo caminho as desavenças as antipatias as ojerizas o que nos separa como a todos nós de precária humanidade

Ficarão pelo caminho nossas pobres divergências provisórias como nossos dias Servirá de riso daqui a alguns anos como servem às vezes as paixões esquecidas Restará creio eu a aventura comum de no fim de um milênio ter testemunhado não como vítimas mas como protagonistas um sobressalto da história humana

Só a crença na construção da paz que representa o esforço das mulheres para livrar-se da violência que é a invisibilidade e aflorar como liberdade nos ajuda a enfrentar dia após dia a interminável batalha dos colchetes a ingloria das vírgulas a negociação de sinônimos cujas nuances representam correntes de pensamento Vistas de perto as revoluções são prosaicas Vista do meu solitário gabinete em Brasília de onde presido o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher do Brasil parecem longínquas e delirantes Tudo parece contingente banal como o fax que acabo de mandar ao Secretário Geral da ONU em defesa das ONGs ameaçadas de ostracismo Parece mas não é Esse é um momento maior em que as mulheres se movem no mundo inteiro para afirmar que estão vivas e que o mundo não será mais como antes

Não sei em que estação chegaremos na China mas olho na parede de meu gabinete o primeiro pôster do movimento de mulheres que eu tive Foi no tempo do exílio nos Estados Unidos nos idos de 69 *Sisterhood is blooming Springtime will never be the same* De fato passou-se um quarto de século Nada será como antes Nada é mais como antes Nós também não

## **Igualdade, desenvolvimento e paz**

Vistos da ótica das mulheres a igualdade e condição da democracia o desenvolvimento e uma ética de combate à pobreza e a paz antes de mais nada e o fim da violência e a entrada das mulheres na humanidade visível e com direitos

Creio que do *cahiers de doléances* de que se constitui a Plataforma de Beijing emergem estas três grandes linhas com sua significação profunda apontando para o futuro como agenda inegociável O cumprimento desta agenda exigirá a meu ver um imenso trabalho de imaginação no sentido de criar aqui no Brasil os instrumentos operacionais de sua implementação

Temos diante de nós problemas não resolvidos e que se constituirão no trabalho cotidiano do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher cuja seiva só poderá provir do movimento de mulheres como interlocutor privilegiado O primeiro

destes problemas e a produção de conhecimento que sendo função precípua das universidades não terá chance de se constituir se estas não mergulharem no redemoinho social tentando entender as dinâmicas complexas da sociedade brasileira. Temos hoje diagnósticos alguns bem formulados, mas carecemos fundamentalmente de *modus faciendi*, isto é, de procedimentos operacionais relativos ao enfrentamento dos problemas. Carecemos, pois, de políticas.

Necessitamos de quadros e esse é um segundo problema. A militância que alimentou todo o campo não governamental já não basta. Nosso desafio agora é de ir além da reivindicação de direitos, qualificando nos para o desenho e implementação de projetos e programas. Esta passagem da denúncia à proposição de soluções alternativas viáveis implica uma mudança de escala e de qualidade. Chamada a parceria com órgãos de governo, a militância feminista muda de perfil e passa a exigir um esforço de qualificação.

Mais do que nunca precisamos de imaginação, vocação de antena capaz de captar por onde vai a história do nosso tempo. A comunicação no centro das relações sociais ainda é para nós um mundo obscuro, em que nos movemos com dificuldade. Fazer da comunicação uma maneira de fazer política, apostando na mobilização das redes de atores sociais já existentes e atuantes no Brasil, será um exercício em que ainda somos inexperientes.

Conhecimento, qualidade e escala da ação, comunicação são prioridades do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher com vistas a tornar Plataforma de Beijing um cotidiano com que, pouco a pouco, ninguém mais se surpreenda fazendo com que igualdade, desenvolvimento e paz envolvam nossos gestos e impregnem nossos destinos.